

EU AMAI AXI

PÁG 04..... **VISÃO
DE FUTURO**

PÁG 06..... **ABRAÇOS
SOLIDÁRIOS**

PÁG 18..... **TRABALHAR
COM OS OUTROS**

PÁG 28..... **“MACLET”
DE SHAKESPEARE**

PÁG 22..... **OLHARES OUTROS**

PÁG. PROJETOS

04 VISÃO de FUTURO

PÁG. ABRAÇOS SOLIDÁRIOS

06 MAIS UM ABRAÇO DA ALSÁCIA - FRANÇA

08 UMA EXCURSÃO À ASTA: NATAL ANTECIPADO!

PÁG. TESTEMUNHOS

10 VISITA DE ESTUDO DAS ESCOLAS DE PINHEL

12 VOLUNTÁRIOS DO MONTEPIO

PÁG. ENTREVISTA

14 À CONVERSA, COM MARIA DO CÉU PEREIRA

PÁG. OPINIÃO

18 TRABALHAR... COM OS OUTROS!

PÁG. OLHARES

22 OLHARES OUTROS

PÁG. ANIVERSÁRIO

28 "MACLET" DE SHAKESPEARE

PÁG. SOCIOTERAPIA

32 FORMAÇÃO CAMPÂNULA

34 ENCONTRO DE COLABORADORES

PÁG. AGENDA

36 IIIº ENCONTRO HISPANO-PORTUGUÊS DE COMPANHEIROS

39 A ASTA EM 2018

Revista

Eu Amai Ati*

*tradução: Eu tenho mais para te dizer (expressão do Marco Dinis)

Direção

Maria José Dinis

Publicação / Periodicidade

Dezembro / Anual

Conselho Editorial

Filomena Rito

Jorge Pires

Maria José Dinis

Revisão de Textos

Regina Gouveia

Projeto Gráfico

Daniel Sousa

Paginação

Daniel Sousa

Impressão

Via Rápida Publicidade

Eu Amai Ati

é propriedade de

ASTA

Associação Sócio Terapêutica de Almeida

Alto da Fonte Salgueira, 6355-030 Cabreira

Tlf: 271 581 562 / Fax: 271 581 756 / Tlm: 962 148 143

NIF: 504 260 936

Email: info@assterapeutica.com

Site: www.assterapeutica.com

Facebook: www.facebook.com/ASTAlmeida

A ASTA está filiada nas seguintes organizações:

CNIS - Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade

UDIPSS - União Distrital das Instituições Particulares de Solidariedade Social;

ECCE - European Corporation in Anthroposophical Curative Education and Social Therapy - Bruxelas;

Setor 3 - Diretório;

FPCS - Federação Hispano-Portuguesa de Pedagogia Curativa e Socioterapia Antroposófica;

FEDPAS - Federação Portuguesa de Agricultura Social.

AS NOSSAS "FELICIDADES"

Todos, ou quase todos, corremos na busca de algo a que se consignou chamar de Felicidade. Procuramos coisas, fórmulas, receitas, filosofias, encontros, religiões, seitas, máquinas... susceptíveis de nos dizerem: é por aqui! - Mas, por aqui, por onde?! - A minha distância a percorrer, os meus *sapatos*, a minha ambição, o alcance da minha vista... são diferentes dos teus, do outro e do outro... - Então, como encontrar o caminho, como definir Felicidade? Será um vislumbre, um desejo em estado latente, que cada um transporta em si e o vai impelindo na procura, nas procuras da realização enquanto viventes humanos? Muitos nos perdemos, nos iludimos e nos desesperamos nessa procura, porque, sabemos, todas as "coisas" terrenas têm, antes ou depois, o seu contrário e a sua descontinuidade - claro que a tal pretensa Felicidade também.

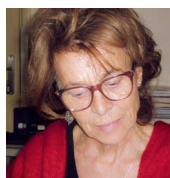
Eu prefiro pensar em *felicidades*, sejam elas grandes, pequenas, vagarosas, intermitentes... sonho pegar nelas e nos reveses intercalares e, entre a sombra e a luz do contentamento, compor um colorido *bouquet*, arregalar os olhos de espanto e gratidão e chamar-lhes VIDA!

É de *felicidades* e/ou contentamentos que falamos ao longo da revista deste ano. Das nossas *felicidades* e das dos outros, porque umas não poderiam existir sem as outras. São também depoimentos que falam de encontros, caminhos, novos olhares, "olhares outros"*; são testemunhos generosos e elogiantes de alguns "desses outros" que vão passando por nós e que insistem em não ver as sombras, que também temos. Eles saberão porquê.

Desejamos que a leitura da "EU AMAI ATI" seja leve e vos deixe com um sorriso contente e esperançoso.

É sempre tempo, mas este parece-me ainda mais tempo, para olharmos dentro de nós e percebermos que a vida faz mais sentido quando a revemos amorosamente nos olhos dos outros.

Auspicioso tempo de encontro e encontros para vós, queridos amigos!



Maria José Dinis
Fundadora e
Presidente da ASTA



Maria José

*referencia ao prefácio de José Saramago (patente nesta revista) do livro "olhares outros".

VISÃO DE FUTURO

Há quem pergunte: apesar da insegurança e imprevisibilidade do mundo no amanhã, a ASTA sustenta uma visão para o futuro? – **sim, claro que sim!**

A visão da ASTA para o futuro tem como pano de fundo a visão original que continua a ser a nossa bússola: promover um espaço sustentável dentro de uma ambiência rural e socioterapêutica, onde as pessoas com deficiência intelectual ou multideficiência possam encontrar o SEU caminho, numa perspectiva bio-psico-social e espiritual. As premissas iniciais têm vindo a ser paulatinamente cumpridas. Sempre tivemos ao nosso lado a entidade que nos tutela - Segurança Social- reconhecendo-nos, assim como muitas instituições da sociedade civil com responsabilidade social e o inestimável Grupo de Amigos da ASTA. É impossível construir caminhos sem os outros. Continuamos a trabalhar

para dar consistência aos três pilares que consideramos fundamentais para que qualquer cidadão (com ou sem deficiência) se sinta integrado e equilibrado socialmente: **a família** - mesmo que esse sentido lhe venha de uma família não biológica e para que, esse sentido, não seja esporádico ou circunstancial, mas lhe permita criar raízes, afetos, segurança e continuidade; **o trabalho** – porque é a marca mais visível de cada ser humano, que deverá sentir-se dignificado através da possibilidade de expressão das suas competências (todos temos alguma) suscetíveis de contribuir para uma sociedade mais justa, equilibrada e plural; **grupo social** – porque queremos e precisamos, como qualquer cidadão precisa e deve ter,

a nossa própria identidade de grupo, por forma a fazer a caminhada individual dentro de um contexto e espírito comunitário. Esta é a experiência (às vezes árdua) que temos tentado implantar e vivenciar na ASTA; procurando melhorar e aprender com as dificuldades e até com os erros, próprios, naturalmente, de quem não se acomoda e enfrenta desafios.

Assim preparamos a nossa continuidade: **escutando** as necessidades, os pedidos explícitos e implícitos das pessoas com deficiência; **percebendo** as exigências da realidade social presente e antevendo pelos sinais, a adequação a fazer e a intervenção mais assertiva; **adaptando** as nossas respostas aos novos tempos e realidades; **prepa-**





rando-nos para os imprevistos que a sociedade, a vida e a natureza comportam; **continuando e melhorando** a implementação de um Sistema de Qualidade Organizacional (dentro dos parâmetros normativos nacionais e europeus), que nos permita e facilite um desempenho funcional, equilibrado e humanista.

Neste momento, a ASTA empenha-se (com todas as dificuldades e desafios que isso envolve) no sentido de construir um novo equipamento que se chamará "A FONTE". Este espaço dará resposta aos *companheiros/utentes que foram envelhecendo, ficando mais frágeis e com redução de capacidade para continuarem nos ateliers e actividades proativas. Será também para alguns daqueles que, não vivendo ainda na ASTA, nos procuram cada vez mais e cujas famílias (em muitos casos, inexistentes) não encontram uma resposta condigna e de continuidade para estas pessoas que necessitam de cuidados especiais até ao final das suas vidas. Este equipamento ficará enquadrado na nossa paisagem, com ligação fluida aos outros equipamentos, para que a dinâmica comunitária continue a ser uma realidade. Também esta construção pretende ter uma ala inovadora, criando uma logística - cerca de

três quartos-, por forma a que familiares ou amigos possam circunstancialmente fazer visitas e/ou acompanhamento, em casos com dificuldades de mobilidade ou por incapacidade de assistência por parte da própria família. Consideramos este projeto como um complemento indispensável para o cumprimento da missão da ASTA, que quer dar sentido, seguir e acompanhar até ao final de vida todos os que a escolheram para viver.

Pre vemos que alguns equipamentos, nomeadamente duas casas doadas à ASTA em locais de proximidade, possam, num curto espaço de tempo, ser transformadas em alojamentos turísticos com espírito de rede social e inseridos num desenvolvimento local preconizado. Estão a ser dados passos significativos nesse sentido. Estas respostas, que terão o devido enquadramento jurídico e socio-económico, servirão para os nossos próprios companheiros (que iniciaram uma formação adaptada, nesta área) exercerem a cidadania ativa, envolvendo-se e contribuindo com o trabalho possível, adequado e protegido. Isso dar-lhes-á maior independência com responsabilidade, maior auto-estima e integração social, além do sentido estruturador do trabalho útil. Desejamos, obviamente, que todas as nossas iniciativas

gerem sustentabilidade e sejam uma mais valia na qualidade e diversidade da nossa ação socioterapêutica.

Queremos ainda intensificar o trabalho com a terra nas suas multifunções (uma das ferramentas pedagógicas privilegiadas), aproveitando os campos que nos são postos à disposição, além de, com este facto, promovermos uma alteração na própria vivência da aldeia que, a pouco e pouco, vai crescendo e contrariando o fenómeno de desertificação de que era alvo quando iniciámos a ASTA. A vinda de novas pessoas para colaborar e juntar-se ao nosso projeto, tanto portuguesas como estrangeiras, reflete uma perspetiva de futuro em que a sustentabilidade e a ecologia ambiental social e humana poderão ser uma realidade em crescendo e com sentido. Desejamos também que a sociedade civil (com destaque especial para o nosso "Grupo de Amigos") seja a nossa principal parceira, envolvendo-se e estimulando-nos, como tem vindo a acontecer desde o início. Este envolvimento traz mais verdade e mais fecundidade ao nosso trabalho. Esta é a visão estratégica para o futuro que almejamos. Assim os nossos companheiros continuem a impelir-nos com a sua força genuína e entusiasmante.

* Adotámos o conceito "companheiros" porque trabalhamos e vivemos "COM eles", lado a lado, aprendendo e ensinando reciprocamente.

MAIS UM ABRAÇO DA ALSÁCIA-FRANÇA

Fim de semana solidário a favor da ASTA na localidade de Oberhaslach (Strasbourg)

Por Rui Ribeiro Barata
(Conselheiro das Comunidades Portuguesas em Estrasburgo)

O fim de semana de 11 e 12 de março de 2017 foi, sem margem para dúvida, um fim de semana marcado pela solidariedade e generosidade na região de Strasbourg. A Comunidade Portuguesa, e não só, mobilizou-se em torno de uma causa solidária, em que o objetivo foi, única e exclusivamente, apoiar a ASTA - Associação Sócio-Terapêutica de Almeida.

Importa realçar que estas comemorações de cariz solidário nasceram da vontade de um coletivo de cidadãos franco-portugueses, residentes na região de Mutzig e

Strasbourg. Na concretização desta vontade de ajudar o próximo, devemos destacar o trabalho de organização orquestrado pela Associação Os Lusitanos de Mutzig, que, por sua vez, contou com o importante contributo e presença das associações AFP Saudades de Portugal, Associação Cultural Portuguesa de Strasbourg, Associação Estrela Dourada de Strasbourg, e dos grupos Coral portuguesa de "La Vallée" e Coral paroquial da localidade de Niederhaslach. Ficou por demais evidente que na génese desta mobilização está o facto de existir, nesta região da Alsácia, uma

forte comunidade portuguesa oriunda do distrito da Guarda. Estas raízes foram, sem dúvida, um dos fatores determinantes para dar a conhecer o trabalho e os princípios fundamentais que criaram a ASTA e vigoram no seio desta IPSS de Almeida.

As festividades tiveram início no sábado, 11 de março, às 18h30, na Igreja "Saint Florent", em Niederhaslach, com a participação das crianças do Grupo Folclórico AFP Saudades de Portugal e com os cânticos dos grupos corais. Depois, seguiu-se uma noite festiva, animada pelo músico Tony, o Grupo



Da esquerda para a direita: **Henrique Augusto** (Técnico do Consulado Geral de Portugal em Estrasburgo); **Miguel Rita** (Cônsul-geral de Portugal em Estrasburgo); **Jean Pina** (Empresário natural da Guarda, residente na região de Paris); **António Baptista** (Presidente CM de Almeida); **Maria José Dinis** (Presidente da ASTA); **Jean-Luc Schickele** (Presidente da Câmara de Mutzig, na Alsácia)



O decorrer do jantar no pavilhão de Oberhaslach.

Folclórico AFP Saudades de Portugal e o cantor local Alain Breiner. Este evento teve lugar no salão de festas da localidade de Oberhaslach, nos arredores de Strasbourg. Podemos afirmar que este evento solidário conseguiu atrair uma numerosa plateia.

Neste fim-de-semana, estiveram presentes vários representantes e personalidades vindos de Portugal, assim como da região de Strasbourg. Destacamos a presença da Presidente e fundadora da ASTA, Maria José Dinis, assim como do Presidente da Câmara Municipal de Almeida, António Ribeiro, do Cônsul Geral de Portugal em Strasbourg, Miguel Rita, do Presidente da localidade francesa de Mutzig, Jean-Luc Schickele, do Presidente do Conselho Departamental do Baixo-Reno, Frédéric Bierry, do Deputado e Presidente da localidade de Molsheim, Laurent Furst, dos Conselheiros das Comunidades Portuguesas de Strasbourg e do Luxemburgo, entre outros.

Juntou-se também a estas iniciativas o empresário Jean Pina, residente na região de Paris e natural do concelho da Guarda. Este decidiu associar-se plenamente a esta vaga solidária alsaciana, ao doar à ASTA as receitas das vendas,

durante todo o fim-de-semana, do seu livro biográfico “De sonhador a promotor”.

No culminar destes dois dias, que mobilizaram dezenas de voluntários, participaram centenas de pessoas nas diferentes iniciativas, que, pela sua presença e generosidade, possibilitaram reunir uma importante quantia monetária, que será posteriormente entregue à Presidente e fundadora da ASTA.

Na impossibilidade de mencionar o nome de todos os voluntários que se implicaram arduamente na organização e concretização deste fim-de-semana solidário, importa evocar, entre outros, o contributo essencial do coletivo de cidadãos franco-

portugueses, das várias associações portuguesas e francesas da região, dos fornecedores e parceiros e da freguesia de Oberhaslach.

Os organizadores expressaram sempre a necessidade de agradecer a todos os voluntários que, direta ou indiretamente, participaram neste fim-de-semana solidário, ajudando, durante estes dois dias, a aproximar Portugal da Alsácia. É deveras importante dar os parabéns às várias associações que, ao se unirem e ao trabalharem juntas, tornaram possível organizar um evento solidário de grande dimensão, no leste de França.

Por isso, merecem todos um grande respeito e admiração pelo generoso trabalho concretizado. Parabéns a todos!!!



Participação do Grupo Folclórico AFP Saudades de Portugal, na Igreja S. Florent

UMA EXCURSÃO À ASTA: NATAL ANTECIPADO!

Era uma visita há algum tempo ansiada por muitos. Faziam-se previsões de datas de acordo também com a disponibilidade do grupo da Cabreira/ASTA. Estávamos ansiosos, com uma grande vontade de um dia diferente com aquela gente. Havia alguns bens e prendinhas para levar. Mesmo os que não puderam ir mandaram presentes. Queríamos um dia de felicidade.

Foi agendada para o dia 19 de setembro (2017), uma terça-feira, por forma a podermos ver e acompanhar as atividades dos companheiros. Nós já sabemos que companheiros são aqueles que trabalham e vivem lado a lado, aprendendo uns com os outros.

Era um grupo de amigos de Tires, alguns já repetentes. Juntaram-se ao grupo de antigas colegas da CP, que tinham manifestado o desejo de integrar esta excursão, até porque também foram colegas da Maria José (Zé). Fomos recebidos, no largo, à entrada da aldeia, com todo o carinho e ternura e com muitos abraços, tão próprios daquelas pessoas maravilhosas; os seus abraços, só quem os recebe percebe a força que nos transmitem. A Zé, a Andreia, o Luís, o Manel tentaram mostrar-nos toda a obra, contando pormenores, mas é impossível ver esta obra num

só dia! Há muito para contar e ver além das paredes.

Esperava-nos um delicioso almoço na Cozinha S. Francisco, digno de príncipes, com uma paisagem inigualável, a do interior das Beiras.

Continuámos depois a visita à estufa, aos animais... Pudemos apreciar toda a evolução e a persistência de quem não baixa os braços e acredita. Fomos depois lá para cima, para a Fonte Salgueira, ver e observar o trabalho das oficinas. Esses trabalhos deixaram-nos encantados!

Terminámos a nosso dia com a atuação do grupo musical da ASTA,

“

...Quem visita a ASTA e convive com os companheiros, seres felizes nas suas diferenças, só pode sentir um misto de comoção e gratidão infinita....

Conceição Peixoto





o “Pé Coxinho”. Uma surpresa! Uma animação! Todos juntos cantámos e dançámos, impregnados da energia destes maravilhosos amigos.

Chegou a hora da partida, o tempo passou a correr e o autocarro esperava-nos. Veio ao de cima um misto de emoções. Lágrimas já com saudades, alegria também, pelos reencontros de amigas da CP que há muito não se viam...

O grupo ficou deslumbrado e prometeu voltar um dia.

Gratidão, companheiros, pela vossa existência, exemplo de força, coragem, felicidade e AMOR.

BEM HAJAM!

O testemunho,
em nome de muitos, de

Adelaide Felício e Fernanda Ribeiro



“

...A semente para frutificar precisa da mão que a atire mais para longe.
(Tolentino Mendonça)

...A ASTA é uma aldeia de gente, que nos transmite luz, onde reina o amor, vive de mãos dadas com a alegria, a harmonia e a solidariedade. A partilha do sorriso, do abraço e do acolhimento ao outro faz-nos sentir “mais gente”...

Companheiros! Estamos juntos, independentemente do lugar e do tempo...

Piedade Lopes da Silva

VISITA DE ESTUDO

dos alunos do agrupamento de escolas de Pinhel,
turmas 12º

Diferente, único, alegre, especial, libertador, feliz e outros tantos, são adjetivos que caracterizaram o nosso dia, num local absolutamente fantástico, que mudou os pensamentos e mentalidades de todos nós, jovens adolescentes, que tínhamos ideias completamente contrárias àquilo que realmente é a ASTA.

Todos, ou pelo menos quase todos, entrámos no autocarro a pensar que era um local com um certo grau de infelicidade e tristeza, mas acabámos por sair de lá com

a certeza de que a associação é um absoluto poço de felicidade e luz. Entrámos naquele lugar de uma maneira e saímos de outra completamente diferente. Saímos pessoas melhores, mais cheias, mais maduras e mais capazes de encarar a vida de um modo mais positivo.

Apesar de todos os problemas e dificuldades envolventes, porque lidar com deficiências mentais é tudo menos fácil, a verdade é que os rostos dos companheiros, colaboradores e voluntários são marcados por um verdadeiro e inesquecível sorriso, que

inevitavelmente contagia quem com eles convive. Inerente a tudo isto, é a incrível Maria José (fundadora e diretora), uma força da natureza e um grande exemplo de ser humano, que decidiu dedicar a vida àqueles que, sendo ainda excluídos de uma sociedade tão preconceituosa, mais precisam de apoio e afeto. Uma pessoa com “muitas cores” e com um enorme coração que abriga tanta gente quanta consegue.

Percorrer os caminhos que compõem a ASTA e observar os ateliês e os trabalhos executados





Saímos pessoas melhores, mais cheias, mais maduras e mais capazes de encarar a vida de um modo mais positivo.

mera gota no oceano. No entanto, ainda que eles tenham problemas irresolúveis, são mais felizes e estão mais gratos do que nós, que temos tudo. Eles fizeram-nos entender que as dificuldades podem ser suplantadas e que, ainda que haja algumas condicionantes, a felicidade é possível e alcançável, basta querê-la e lutar por ela.

Por fim, estar na ASTA é sentir-nos numa casa de amor e carinho que não é nossa, mas que tanto nos ensina. Assim que a conhecemos, deixamos nela uma parte do nosso ser e levamos dela uma lição sobre o verdadeiro valor e significado da vida.

A ASTA é como uma escola que, em vez de nos ensinar a ler e a contar, nos ensina a viver!

Raquel Pinheiro - 12º D

por todos aqueles que, apesar de condicionados, tanto se esforçam, fazem-nos entender que tudo é possível, que querer é poder e que com esforço e perseverança somos capazes de tudo, até das coisas aparentemente impossíveis. Observar toda a arte realizada pelos companheiros é ver os verdadeiros significados de força de vontade e cooperação.

A associação levou-nos ainda a perceber que perdemos demasiado tempo a queixar-nos dos nossos problemas, que, quando comparados aos dos companheiros, são uma



VOLUNTÁRIOS DO MONTEPIO

Há tanto para dizer! Curto é o espaço da escrita. Imensa é a saudade sentida.

Quem somos nós? Somos voluntários do Montepio e a Cabreira é a nossa segunda CASA.

E tudo começou com uma pequena estória.

Um dia, alguém se lembrou de ir até à Cabreira e levou outras Pessoas também.

Eram um monte delas, que foram à procura de um tesouro.

Voltaram ricos.

Ricos, com o coração a transbordar de alegria.

Ricos, porque se sentiram mais humanos.

Ricos, porque foram recebidos como príncipes ou reis nas histórias de encantar.

Ricos, porque conheceram um mundo melhor.

Ricos, porque voltaram com muitas estórias para contar.

Eu não *tive* lá nesse dia 26 de maio, mas sei o que é a Cabreira, o que a Cabreira nos faz.

Saímos marcados pelos Companheiros e passámos a ser Companheiros também.

Não posso passar pelo Alto da Fonte Salgueira sem beber da sua água, sem sentir o cheiro dos montes, sem abrir o coração.

E, sempre que isto acontece, o meu coração pára e sinto que morri, mas, logo de seguida, um pouco mais acima, volto a nascer, com outra alma, com outro espírito.

Nasce um novo homem e Esse Homem Sou Eu. É simplesmente a reinvenção da vida.

Depois, voltamos à nossa monotonia e a realidade assolha os nossos sentidos. E continuamos a viver, por vezes, uma vida que não é a nossa.

Não estive lá nesse dia, mas tive a Cabreira todo dia no meu coração.

Joaquim Caetano

(coordenador do grupo de voluntariado do Montepio)

Ir para a ASTA na Guarda? – Dúvidas, Formalismos, interrogações...

...Mas porquê duvidar se vais visitar um pedacito do "céu".

Os "anjos" nos rodearam, sorriram, perguntaram, sugeriram, e a manhã começou com o abecedário da "Mãe Natureza...", a partilha do hino do voluntariado evoluiu em surdina, foi tomando corpo o "Coral Asta" e terminou à tarde (o encerramento era por nossa conta) em "Orquestra Humana ASTA".

Fomos os Pelicanos, calcorreando sendeiros, dominando o arado, em companhia da simpática "Burra grávida". Os ensaios para a tarde realizavam-se à mistura com o trabalho.

... A que horas é a festa? Quero dançar contigo... és simpático... como te chamas... tudo igual: *simplicidade, pureza, amor, gratidão, partilha*. Final de dia! Tempo de dar corpo à "Orquestra Humana", com a calorosa participação de todos os presentes, feitos violinistas, acordeonistas, trompetistas, bateristas e artistas do trombone. Que felicidade, que entusiasmo... indescritível!

Obrigado, ASTA, pelos presentes de Amor, Dádiva e Desprendimento...

Não... Não foi um sonho... Visitei um pedacito de céu e saí mais rico.

Constantino Ramos





“Que dia inesquecível! foi uma experiência única, com um sentido de responsabilidade social e humanismo dignos do nosso GRUPO – MONTEPIO/ ASSOCIAÇÃO MUTUALISTA/LUSITÂNIA.

Juntos somos mais e melhores.

O meu coração ficou cheio de VÓS, ASTA!

Francisco Faria

No passado dia 26 de Maio, foi a segunda vez que tive o privilégio de participar numa Ação de Voluntariado na ASTA, organizada pela Fundação Montepio. Marcaram-me: o passeio com o Alfeu (um burrinho) e a Georgina (uma burra linda e barriguda), que nos levaram ao terreno onde, com a ajuda deles, semeámos *chicharos* com arado de madeira; o festejo do aniversário da companheira Dulce; a orquestra improvisada no final do dia...

Não há palavras que consigam descrever o que sentimos e vivemos nesse dia. Acabámos com o coração apertadinho de felicidade!

Silvia Tavares Sousa

Esperava que as emoções ficassem à flor da pele, não estava preparada para a partilha dos sentimentos e do carinho que iria receber.

No “Bom Dia” partilhado, em círculo, em que todos os olhares transmitiram simplicidade, afetos e esperança, logo aí, percebi que o propósito da nossa ida ia muito mais além da nossa ajuda nas atividades.

Não irei esquecer o dia ASTA e espero voltar em breve.

Conceição Figueiredo

Foi com imensa alegria que senti este dia.

Das experiências vividas, algumas novas para mim e outras com o sentimento de ser transportado ao passado, a que me tocou profundamente foi a receção calorosa por parte de todas as pessoas que residem ou frequentam a ASTA - pessoas de uma simplicidade e grandiosidade maravilhosas. Pessoas enormes que nos transmitem um carinho imenso, por vezes notório apenas pelo simples olhar.

Obrigado ASTA! Obrigado Voluntários!

Manuel Moura

Voltar à ASTA é sempre uma experiência de vida.

Não se vai lá de ânimo leve.

Lá, somos Companheiros, porque é esse o espírito que ali se respira, e se não o soubermos respirar é melhor nem irmos. Ser Companheiro é um estilo de vida, é algo que se nos cola como uma lapa, que passa a fazer parte de nós.

E quem vai à ASTA quer regressar; uma vez, duas, as que forem possíveis... as vezes que a razão pedir e o coração exigir:

Até breve, Companheiros...

Luis Miguel Isaías

ASTA, palavra curta para tanta emoção:

A de amor, amizade, abraço

S de superação, simpatia, simplicidade

T de ternura, talento, tentação

A de admiração, alegria e Alma.

Contem sempre comigo!

Verónica Chiquelho

À CONVERSA COM MARIA DO CÉU PEREIRA

Quem é a Maria do Céu?

Quem sou eu? Uma beirã de corpo e alma que aprendeu a abraçar causas. Nasci numa aldeia do concelho de Pinhel, em 1945. Aos 5 anos, trouxeram-me (uns tios) para Lisboa. Aqui cresci, estudei. Lidei de perto com a deficiência e com a pobreza. Aprendi o que era partilhar e ser solidário.

Como foi o encontro com a ASTA?

Antes, e inevitavelmente, falei do encontro com a Maria José.

Trabalhei na CP (Caminhos de Ferro), nos Serviços da Direção Financeira, onde a conheci. Uma menina vivaça, de olhar confiante e atitudes determinadas para mudar o Mundo. Concluimos que as nossas aldeias eram vizinhas. Eu, do concelho de Pinhel, e ela, do concelho de Almeida. As nossas aldeias, geograficamente, quase se tocavam, não fora, agora, a A25 a separar-nos.

Nunca perdi de vista a Maria José, até porque tanto o seu filho Marco como a minha filha Ana frequentaram o infantário do nosso local de trabalho.

Em determinada altura, talvez em 1990 (?), a Maria José deixa a CP e vai à procura de um caminho mais promissor e adaptado às necessidades do filho. Perdi-

lhe parcialmente o rasto. Soube primeiro que estava em Évora; mais tarde, que estava na Suíça a tirar um curso de pedagogia especializada... enfim, iam chegando Informações dispersas, sem muita consistência.

Até que um dia, corria o ano de 2002, numa conversa com colegas a propósito de doces, geleias e marmelos da Guarda (únicos no sabor), comentei a minha preferência por essas coisas regionais e pelo que de bom se fazia nas nossas terras. Alguém muito próximo da Maria José (a Cristina Arruda), mas muito reservada, dá-nos então conta das suas deslocações à Guarda. Visitas frequentes à sua amiga. Agora sim, finalmente informações concretas! Estava prestes a ser lançada a 1ª pedra para a



Com o Manuel, seu marido, e a Ana, sua filha.



Cavaqueando com as companheiras.

construção do “CAO” – Centro de Actividades Ocupacionais e da Casa Residencial. Na minha cabeça, logo fervilharam várias ideias. - Temos de ir à Cabreira, é tão perto da nossa terra! – disse ao meu marido. E fomos, sem aviso.

Desconhecia o caminho para a Cabreira. Só encontrámos o Luís Fonseca, que, de coração aberto e com a sua inerente disponibilidade humana, nos deu a saber tudo, ou quase, sobre a instituição que ali tinha nascido. Ultimavam-se os trabalhos da Casa da Oliveira, a primeira a ser recuperada na aldeia.

Cresceu em mim uma vontade de me dar, sem medida, a esta causa.

Regressei ao trabalho. Enviei emails a todas as colegas, dando conhecimento do que vi, senti, e das necessidades da ASTA, a nascer. Em pouco tempo, o retorno foi generoso. Fez-se uma coleta.

Marquei um encontro com a Maria José, na sua casa, onde nasceu e funcionou a ASTA durante os primeiros 4 anos. Durante 6 horas, à beira da lareira, falámos sem dar pelo tempo. Entreguei a nossa oferta dentro de uma casinha de papelão. Lá estavam 1500

Euros, valor que serviu para abrir uma conta bancária destinada à recuperação de outra casa em vista, a “Casa São Miguel” (ver imagem com a carta de agradecimento).

Foi assim que entrou a ASTA nas nossas vidas (na minha, do meu marido e da minha filha). Até hoje, nós e a ASTA não nos largamos.

Ao longo destes anos, criaram-se laços de afeto com os colaboradores e companheiros, suas famílias e amigos. É como se de outra família se tratasse. Laços tão fortes, tão sentidos como os abraços da Maria José.



A Maria do Céu e sua irmã Alice numa das marchas anuais da ASTA, “De Mãos dadas Chegaremos”.

Vivendo ainda em Lisboa,
como interage com a ASTA
na Cabreira?

A minha participação tem sido, eu direi, ativa. Passei a ir mais vezes à minha aldeia e a passar lá temporadas (para estar mais perto da ASTA). Agora já tenho esse tempo. Fui convidada a pertencer ao grupo de sócios; tenho exercido funções nos órgãos sociais; participo ativa e gostosamente nos vários eventos: as feiras da solidariedade, as marchas de “mãos dadas” (anuais), aniversários... semeio informações sobre a ASTA, cativo amigos para esta causa (deram-me o título de embaixatriz da ASTA) e, aos meus trabalhos de crochet e outros, vou-os transformando em “tijolos de afeto” para que este projeto possa continuar a crescer. A minha filha Ana estimula-me e, à sua maneira, através da Net, mantém a cadeia de amigos em movimento. O Manuel, meu marido, já partiu, mas deixou-nos vivo o amor que sentia pela ASTA.

Quando chego à Cabreira, sinto na alma um fervilhar de afetos. Recebo e dou. Cada companheiro, a seu jeito, ensina-me o que é ser puro, autêntico, transparente e simples. Entro no espírito da ASTA.



Maria do Céu numa reunião com os colegas do C. Fiscal - ASTA, Carlos Monteiro e João Amaral

Pensamos sempre no futuro.
Como gostaria de o ver na ASTA?

O futuro trabalha-se todos os dias. Apesar das dificuldades e contingências, acredito que a ASTA continuará o seu trabalho com afinco, criatividade e espírito de missão. Saberá acompanhar as mudanças dos tempos, mas salvaguardando sempre os seus princípios básicos e fundamentais, que fazem dela um “sítio” especial e cativante. Claro

que o motor terá que ser sempre o interesse e as necessidades dos companheiros. Eles traçarão, naturalmente, as coordenadas do futuro.

Continuo a acreditar que a ASTA tem uma “Corte Celestial” a inspirá-la, agitando “asas”, transmitindo a energia necessária à continuação da obra. Bem hajam, todos vós, por, aí nesse cantinho beirão, contribuírem para um mundo melhor.



Maria do Céu e Padre Bruno à conversa, no aniversário da ASTA.



...com Marco e Fátima



... na “sua banca” da Feira de Solidariedade da Cabreira

TRABALHAR COM OS OUTROS É MAIS DO QUE TRABALHAR COM OS OUTROS!

POR LEONOR MALIK

Vivemos num tempo que nos dá testemunho de uma humanidade dilacerada entre os que quase nada têm para se manter fisicamente vivos e que, no entanto, oferecem ao mundo a mais profunda gratidão quando este lhes faculta uma mão cheia de comida, e os que, desconhecendo o que precisam para se manter (verdadeiramente) vivos, repudiam a própria vida, mergulhados em abundâncias esvaziadas de sentido. Pelo meio vagueiam os que procuram o sentido da sua própria vida, abrindo e fechando portas, vivendo diariamente a dificuldade de encontrar a coerência entre o seu agir e o seu pensar.

Vivemos num tempo que nos obriga com urgência a escolher em consciência o que fazer. O que fazer significa essencialmente fazer o bem. Ora, o bem não tem receita, não se encontra definido em absoluto, em nenhum livro. O bem é um anseio da alma que nos fala da nossa origem divina, e que, porque na terra perdermos a memória, pode bem tornar-se em mal: o mal é o bem no sítio errado, dizia Steiner.

O conhecimento que o tempo de hoje nos exige não é mais um conhecimento livresco e verbal, é

antes um conhecimento que nos é revelado pela experiência da alma, face ao agir no mundo. Tal como no desenvolvimento da criança, onde o movimento provoca a progressiva complexidade do cérebro, o seu acordar para o espírito, o enriquecimento da alma perante as impressões que lhe chegam do mundo, também no momento atual do desenvolvimento espiritual do homem é o movimento físico-anímico do seu agir que lhe vai abrindo o conhecimento de si próprio, do outro e da vida, numa progressiva revelação de como adequar o que faz ao que o mundo necessita: se conseguirmos esta adequação estamos a fazer o bem! É neste sentido que a intuição como testemunho do desenvolvimento espiritual pode

“

O bem é um anseio da alma que nos fala da nossa origem divina, e que, porque na terra perdermos a memória, pode bem tornar-se em mal: o mal é o bem no sítio errado, dizia Steiner.



LEONOR MALIK É LICENCIADA EM FILOLOGIA GERMÂNICA PELA UNIVERSIDADE DE LISBOA, TEM Mestrado e doutoramento em Ciências de Educação pela Universidade de Grenoble.

Esteve vários anos à frente da direção da Sociedade Antroposófica em Portugal e é, atualmente, uma das principais dinamizadoras da Pedagogia Waldorf no nosso país. Foi professora do ensino secundário, formadora de professores ao longo de 15 anos, responsável pelo projeto Aprender a Aprender, fundadora e responsável pela HARPA- Associação Recriar para Aprender, cujo projeto educativo, designado por Educação para a Sustentabilidade ao longo da vida, utiliza os princípios da Antroposofia e desenvolve projetos nas áreas da educação, saúde e ecologia.

constituir um primeiro passo no processo iniciático atual, antes mesmo da imaginação e da inspiração que levam o homem diurno através do pensar, sentir e agir ao encontro do homem noturno, o homem ideal puro, de que falava Schiller.

Hoje, não nos resta pois outra forma de fazer o bem, se não agir com coragem o mais adequadamente possível, isto é, com a máxima atenção e respeito pelo outro e por si próprio, seja em que circunstância for. Ninguém mo pode ensinar, só eu me posso ensinar, tornando-me aprendiz do meu agir através da intuição. A intuição fala-nos de oportunidade, assim nos afirma Lievegoed, ou seja, que a partir de situações da vida, no meio dos outros, nos preparemos, para reconhecer o que deve ser feito.

Isto leva-nos de volta à pergunta

chave: Quem és tu? E ao processo interior que ela desencadeia em cada um de nós. Numa instituição que pretenda ser um organismo social, esse processo individual repercute-se de imediato no seu funcionamento, na importância que adquire a forma como cada um interage com os outros em detrimento do trabalho que cada um tem de cumprir. Os saberes que o trabalho exige são sempre passíveis de serem adquiridos das mais diversas formas (livros, documentação, cursos, observação, etc.). No entanto, eles só se tornam verdadeiramente essenciais, quando efetivamente estão ao serviço do(s) outro(s), isto é, se concretizam no mundo através de um estar harmonioso que respeite a identidade e o espaço de cada um.

De que serve numa instituição, um educador, um professor,

um médico, um terapeuta, etc., devidamente qualificado, se na sua forma de estar é um entrave ao desenvolvimento do organismo, semeando a discórdia e o mal-estar à sua volta?

É claro que tais situações emergem de fatores que em geral a consciência diurna ignora, ou se recusa a ver, quer tenham eles origem em factos biográficos mal resolvidos, ou quer sejam eles de origem cármica: o velho carma lunar que condiciona o presente a partir do passado, tal como menciona o texto Confluências, introdutório do Encontro de Reis na Sociedade Antroposófica.

Em qualquer dos casos não são nunca questões insolúveis, por mais difíceis que pareçam ser. E é aqui que a instituição tem um papel a desempenhar “mediador” na evolução pessoal dos seus colaboradores. Concretamente,



De que serve numa instituição, um educador, um professor, um médico, um terapeuta, etc., devidamente qualificado, se na sua forma de estar é um entrave ao desenvolvimento do organismo, semeando a discórdia e o mal-estar à sua volta?

como? Por um lado as regras de trabalho através das quais se tenta controlar o funcionamento da instituição, ao serem estabelecidas exclusivamente para esse fim, acabam sempre mais cedo ou mais tarde por esbarrar nas necessidades individuais da evolução de alguém. E aí nasce o conflito!

Lievegoed designava a capacidade que se revela na constante adaptação prática do como se faz a quem o faz, de criatividade social. Ou seja, para que o funcionamento seja fluído e possa responder à imprevisibilidade do quotidiano em harmonia com as necessidades a que temos que corresponder, ele deve ser previsto ao nível do grupo de trabalho que o vai concretizar, no dia-a-dia. Cada membro do grupo, procurando em continuidade vislumbrar o conteúdo para a resposta Quem és tu, aprenderá pouco a pouco aquilo que cada um pode realmente dar e aquilo que cada um precisa encontrar para poder realizar o seu próprio caminho evolutivo. Quando o grupo se junta, a intenção passa a ser como melhorar as condições de funcionamento de forma a que elas sirvam cada um e todos, e o que conta nesse encontro humano não é encontrar-se a solução ideal, porque ela não

existe, mas dar o melhor de si no esforço de contribuir para fazer o bem. E, repito, fazer o bem não sendo nunca um dado adquirido, é uma progressiva adequação das circunstâncias às necessidades das pessoas.

Ora, o mais importante para fomentar a criatividade social, é o empenhamento pessoal que cada um põe na tarefa de servir os outros, e não propriamente os conhecimentos que adquirem sobre o trabalho que realiza. Assim qualquer membro do organismo social é tão importante como outro, cada um é um elo criativo em potência e o que vai determinar a sua importância dentro da vida do organismo é a riqueza da sua resposta à pergunta-chave e não a função que desempenha ou o grau académico que detém.

Para ajudar nesse esforço, Lievegoed sublinha outro conceito, extramente útil: o pensamento inclusivo. Como o nome indica, consiste em sermos capazes

de, previamente a reuniões ou encontro entre todos, incluir um a um no nosso pensamento, no âmbito da pergunta-chave, antes de tomarmos decisões ou levarmos propostas de decisão ao grupo. Assim, a adequação desejada tornar-se-á mais assertiva com o momento atual que cada um vive no seu processo evolutivo: como interfere no grupo a forma como prevejo que vou estar/atuar; como interfere em cada um a decisão que eu penso tomar ou propor para todo o grupo/instituição; como fazer para beneficiar a totalidade do grupo, tornando consciente em mim a minha responsabilidade relativamente a cada um para que na comunidade viva a força da alma individual.

A título de curiosidade, responsabilidade chega-nos do Francês *responsabilité*, tem uma raiz latina *responsu* que na verdade quer dizer resposta. Qual será a pergunta?!

Munidos, enfim, da sincera dedicação à descoberta do outro, guiados pelo outro, guiados pela pergunta chave que deve habitar a nossa alma sempre que olhamos o (s) outro (s); imbuídos de confiança no nosso esforço pessoal para aprender a servir esse (s) outro (s) de forma criativa; permeados pela identidade de



...o mais importante para fomentar a criatividade social, é o empenhamento pessoal que cada um põe na tarefa de servir os outros...



...como Steiner disse várias vezes, o importante não é finalizar-se algo que queremos deixar muito bem feito mas iniciar-se algo que, uma vez começado, deixe na terra uma semente que entra assim na corrente do devir da humanidade.

cada um, que tentamos manter presente no nosso pensamento, sempre que tomamos decisões, podemos contribuir, no seio de uma instituição, para o grande “milagre” de acordar alguém para o sentido da sua vida, assim nos afirma Lievegoed!

O que quer isto dizer?

Sabemos por experiência própria como algumas vezes, estando nós a viver momentos de perturbação, de ausência de direção, de perda de sentido (s), uma palavra dita por alguém, uma frase lida algures, um gesto ou um olhar que observamos inesperadamente, pode de imediato abrir o nosso céu (como nos afirmava o nosso querido amigo Kühlewind), ou seja, acordar em nós o fio condutor, uma luz no escuro, um começo de esperança, a libertação do grande esquecimento que nos assolava.

Ora, no seio do grupo de um organismo social, as pessoas que diariamente se vêem, que caminham juntas, numa determinada direção, servindo ideais comuns, esforçando-se com verdade por melhor servir, fortalece-se a possibilidade de tais “milagres” acontecerem com mais frequência, ou seja tornando-nos veículos mais conscientes para transmitir a mensagem que nos vem de cima. Porquê? Porque no

comprometimento implícito na verdade do esforço de cada um para o bem comum, a vida do organismo sintoniza-se com um impulso espiritual que a direciona, criando um destino comum entre as pessoas, que constituem um novo carma: o carma solar que constrói novas relações a partir da liberdade, como lemos no referido texto Confluências.

Nas palavras de Lievegoed tornamo-nos capazes de reabrir a porta do nascimento, ou seja, de acordar a memória do outro para o seu projeto pré-natal ao dizermos, em qualquer momento, a palavra certa, oferecermos a dádiva precisa, tornarmos reconhecível pelo nosso olhar o que o outro não via, operarmos enfim o “milagre” (sem sabermos como) de desvendarmos na alma do outro um pouco do enigma do seu destino. É como se o esforço de ir respondendo à pergunta Quem és tu, no dia-a-dia do trabalho em comum, fosse abrindo um espaço intermédio entre o céu e a terra que nos envia mensagens do futuro.

Na realidade, é do futuro que se trata, não apenas do futuro de cada um ou mesmo da instituição, mas do futuro da humanidade, no sentido de contribuir para a sua evolução. Por isso como Steiner disse várias vezes, o

importante não é finalizar-se algo que queremos deixar muito bem feito mas iniciar-se algo que, uma vez começado, deixe na terra uma semente que entra assim na corrente do devir da humanidade. A coragem de começar com a consciência das nossas limitações e, sem a segurança de podermos assegurar o resultado, deixa na terra um impulso que iluminará o caminho de quem vier continuar. Esse é o contributo possível a qualquer um, para a evolução da humanidade.

Quer queiramos ou não, quando trabalhamos com os outros no seio de um organismo, estamos a trabalhar com os outros não apenas da forma visível no dia-a-dia, mas a um nível superior, criando uma rede invisível, a construção da qual cria um novo chão de futuro onde, ao caminhar, estamos também a construirmo-nos uns aos outros, e é isso que constitui o carma solar. O comprometimento e o nosso esforço na forma como interagimos uns com os outros dará a esse carma uma “qualidade” própria que impregnará a evolução humana e, conseqüentemente, a nossa vida com os nossos companheiros de futuro.

Todas as ideias, identificados com o autor Bernard Lievegoed, encontram-se nas seguintes obras:
- O Homem no limiar;
- Estruturação social na pedagogia terapêutica.

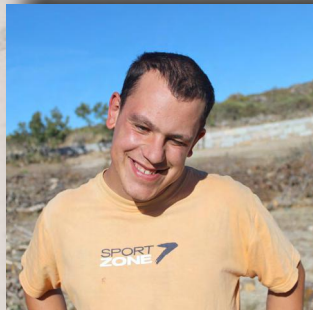
PARA VÓS, COMPANHEIROS, O QUE É A FELICIDADE?!



"música, o píforo..."



"muito amor, carinho entre todos"



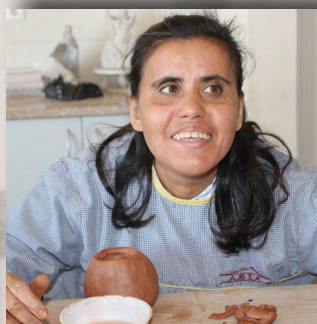
"estar convosco...olha os pássaros a voar!...trabalhar"



"amizade"



"terra, abraço"



"ver nascer plantinhas das sementes que ponho na terra"



"Té, té, té, aqui"



"estar em família"

“OLHARES OUTROS”

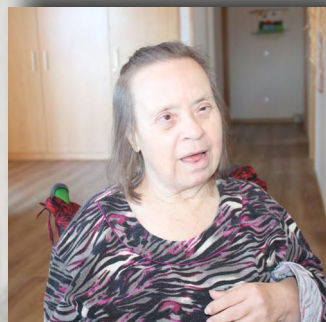
São rostos, são vozes, são palavras. Comunicam connosco por caminhos abertos em cartas que não as suas mas que acatam pacificamente, não porque não pudesse haver outras, mas porque nem sempre as teremos sabido encontrar e reconhecer como tais. Estas palavras, estas vozes, estes rostos têm topografias, modulações, ressonâncias distintas das comuns. Intuímo-las porque seria impossível que não existissem, mas o percurso a seguir para os encontros desejados parece ter sido traçado unicamente nas cartas do que denominamos normalidade, não nas sobreposições de palimpsestos que acabaram constituindo as identidades e as personalidades que esses rostos, vozes e palavras ansiosamente vêm expressando e neste livro uma vez mais se manifestam. Um preceito clássico diz que “quem o artista quiser conhecer, pelo país do artista terá de viajar”. A intenção da citação é clara. Coloquemos no lugar do artista qualquer destes rostos e imediatamente compreenderemos que é pelo país deles que temos de viajar, e, se possível, sem outras cartas que não sejam as suas próprias. Creio que esse objectivo é um dos motores de trabalho que a ASTA vem realizando. Por isso e por todo o resto merece não só as nossas felicitações, mas também a nossa gratidão.

José Saramago

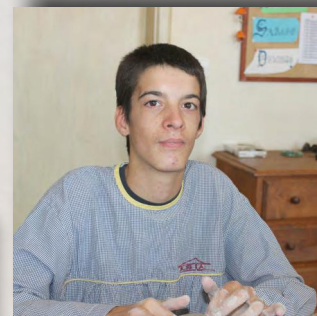
“olhares outros” é o título do livro editado em 2006 pela ASTA e Editora Colibri. José Saramago prefaciou esse livro. O texto em cima é o prefácio que, sentidamente, queremos recordar.



"sentir a amizade dos outros"



"lálalala...lálááá!"



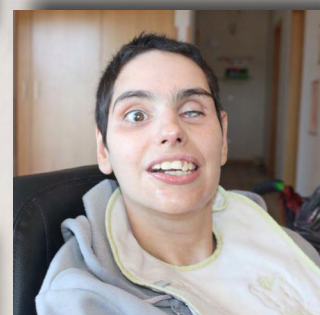
"estar com a mãe e o pai, ajudar na lenha"



"Xãooooo... Hóoo tiiiiia"



"Estar em grupo e dar-mo-nos bem!"



Haaaaa...!



"sorriso, sorrir..."



"música, falar com a Marilene..."



"aprender a dançar"



"ter calma e harmonia na minha saúde"



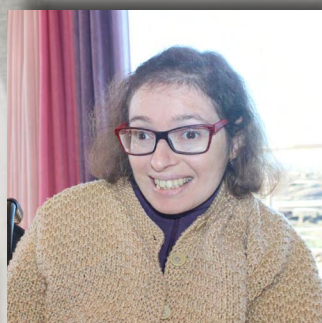
"estar bem, aqui!"



...Estas palavras, estas vozes, estes rostos têm topografias, modulações, ressonâncias distintas das comuns...



...Coloquemos no lugar do artista qualquer destes rostos e imediatamente compreenderemos que é pelo país deles que temos de viajar, e, se possível, sem outras cartas que não sejam as suas próprias...



"pensar em pequenas coisas, animais...rir, sim rir..."



"é trabalhar com a natureza... é paz"



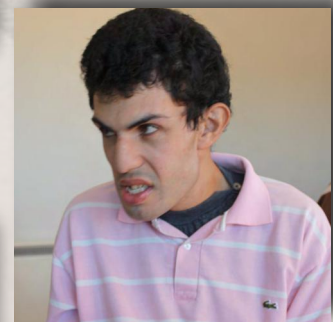
"haha...heem..."



"dar amor e receber"



"estar aqui!"



"maanos!!!"



"tar na tecelagem"



"fazerem-me rir, fazer bonecos de lã..."



"ir a Liboa, casa mano"



"quando vejo carros antigos, quando faço caminhada..."



"sorrir, estar contente, passear..."



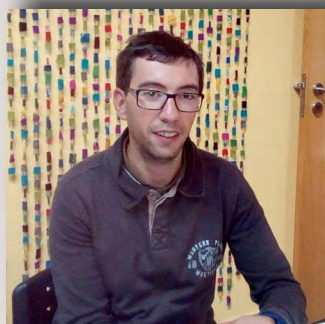
"sossego, família"



"paz -a guerra não!"



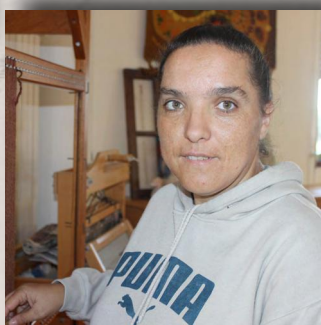
"ter quem me respeite e quem me entenda. Passear o meu cão"



"não há explicação, são momentos que acontecem e entram no nosso interior"...



"compreender os momentos, plantar árvores e flores, ajudar a tratar dos animais"



"estar bem, os amigos..."



"cantar, cantar, caantare..."



"chorar... (de emoção boa)"



"ter casa, amor à minha volta"



"ter um caminho, lá em baixo, na lã, dançar, teatro..."



"puchinho..."

APOLOGIA DO SILÊNCIO

É preciso Silêncio

para que a minha mente se aquiete
na intuição cósmica.

É preciso Silêncio

para que as minhas mãos sintam o teu corpo
moldem a terra ou plantem sementes.

É preciso Silêncio

para que os meus ouvidos ouçam a tua dor
e a música das estrelas;
para que os meus olhos vejam os teus olhos
a escorrer de solidão ou amor.

É preciso Silêncio

para que a Palavra, qual Graça,
se teça em mim e se expanda
em meus lábios como fonte de devir.

É preciso Silêncio

para ir ao teu encontro;
para que te ame
e te possa ouvir

Maria José
2015

“MACLET” DE SHAKESPEARE

Chegámos na sexta-feira anterior, a Almeida, com uma hora de atraso. Fomos recebidos de braços abertos pelo Gilmar e, logo após, saboreámos as belas feijocas da Merceria Bar “Com Alma”. Tudo tem alma, em Almeida. Até a feijoca! E então na Cabreira...

Portugal é feito, no distrito da Guarda, de paisagens douradas, o sol a pôr-se entre negruras e verdes, abundância de fragas, planuras e montanhas, sossegos telúricos e antiquíssimas forças. Não sei que

magia ou encantamento nos tocou quando chegámos. Chegámos assim, com uma hora de atraso, dois atores sem emprego no palco nem fama, sabedores de si e da pouca importância de tudo, até das agruras se trágicas não forem. Um pisaria a cena, depois. O outro estaria por lá, continuando a ajudar, mas de fora, nessa construção.

Dormimos lá em Almeida, num “Canto Com Alma”, e rumámos depois ao Alto da Fonte Salgueira, na Cabreira. Passámos o Sábado convivendo e ensaiando no auditório da ASTA, com alma. O Pedro Carvalho e o José Lopes, do Teatro Art’ Imagem, chegaram no domingo

para os preparos na construção da luz e arranjo do espaço cénico. Ensaíamos e respirámos na ASTA - Cabreira e, pela noite já avançada (agora os quatro), voltámos para o mesmo Canto ‘almado’ de Almeida. Na segunda-feira, dia 2, final de tarde depois da festa dos 17 anos, regressámos às nossas casas com mais alma. Na mesma e com os mesmos empregos, mas, nos mesmos versos, diversos.

Sucedeu-nos o que sucede a quem vê o que não se vê. A quem por momentos sente, visita ou sonha a paz de um outro mundo, saído dos teares que enlaçam como fios, pulsações – e que não existe, portanto. Ver a ASTA é um privilégio, pois é ver o invisível, enriquecendo a paisagem por efeito de aperfeiçoamentos no olhar.



Pedro Bastos representando MACLET.





Com palavras muito belas, todas – de Shakespeare – tentámos (eu e o Pedro Bastos) dar corpo a uma personagem que o Bardo não inventou mas que é dele. A partir de Macbeth, louco assassino embriagado pelo poder, e de Hamlet, homem justo e competente para a ação mas incapaz de agir sem evidência ou prova, quisemos construir uma possibilidade de síntese (Maclet) de

duas personagens antipodais, uma espécie de santo poeta capaz de matar, sensível e cruel, lancinado por desejos de vingança e interrogações policiais e metafísicas: “foi o rei, meu tio e padrasto, quem matou o rei meu pai?... “Se o acaso quer que eu seja rei há de coroar-me sem que eu dê um passo para isso”... “Ser ou não ser, eis a questão”... “Será maior nobreza d’ alma sofrer a funda e as flechas da fortuna ou...?”

Ou...

...Uma hora durou, uma hora durou.

Aniversário da ASTA, pré-antestreia ou princípio, talvez. Primeira parte de uma produção que o vivíssimo Teatro Art’ Imagem, do Porto e da Maia, assumirá, em



colaboração com o moribundo Teatro do Morcego – Laboratório Oficina, de Coimbra (grupo que se vai arrastando pela inação mas que



sobretudo entre 94 e o início do milénio deu que falar – e que temer – desde logo pela radicalidade e singularidade dos desempenhos e da eficácia dos seus atores). E ficámos encantados.

O mundo ao contrário, portanto: a plateia aplaudiu com entusiasmo, é certo, quase afogando depois o Pedro em abraços e beijos mas nós, nós é que ficámos encantados.

Vimos, nesse dia e nos dias anteriores... o sol a raiar em toda a gente... miúdos e graúdos com direito a atenções e vivências especiais, a tê-las, a tê-las a sério, cheios de alegria e graça, felizes, livres, soltos, com vontade de conviver, de saber, de perguntar – “como te chamas?” “eu sou Beltrano”, “eu Sicrano” e “ali vai Fulano” –, amigos, conhecedores de si mesmos e dos outros, respeitadores, desafiantes, argutos.

Vimos... a Maria José e os seus companheiros técnicos (Filomena, Lucas, Sandra, Gilmar, entre outros); e os seus companheiros beneficiários

de técnicas com alma – em Almeida tudo tem alma até a feijoca! – manobrando, artesãos, os teares que cruzam como fios, pulsações. Entregues aos variados ofícios que estão a fazer de Cabreira, em Almeida, distrito da Guarda – numa paisagem de planuras, verdes, negrume, doirados e fragas –, um mundo mais sorridente, mais próximo e melhor.

Não se vê mas vimos. Um orgulho, isto, ser possível – isto – assim em português – e haver isto-esta-ASTA em Portugal!

José Abreu Fonseca



Depois de MACLET, os abraços, a dança e o bolo de aniversário.

Os momentos especiais e os encontros de tempo de aniversário continuaram pela semana fora. No dia 6 de Outubro foi o nosso amigo Padre Bruno Nobre que nos presenteou com a celebração da eucaristia na ASTA. Momento forte de simplicidade, partilha e espiritualidade. Depois foi o almoço no pinhal que, com o sol e os amigos, nos aqueceu o corpo e a alma.



FORMAÇÃO CAMPÂNULA

encerramento do curso de pedagogia curativa e socioterapia

Recordo com saudade o primeiro dia da Formação Campânula, em 2014, e o exercício simples, proposto pelos professores, em que seleccionámos e lançámos sementes à terra. Naquele dia estava longe de imaginar a farta colheita que haveria de advir. Éramos cinco da ASTA.

Durante os quatro anos, que agora terminam, fugi da rotina em que involuntariamente estava a cair, e parti à descoberta de novos horizontes, que agora me permitem pensar, sentir e estar de forma mais viva e atuante.

Levo para a vida um sincero agradecimento pelos

conhecimentos que me foram transmitidos e, hoje, sinto uma enorme satisfação pessoal por concretizar um desejo que alimentava desde que entrei na ASTA, em 2006: conhecer melhor a Antroposofia, filosofia orientadora da Associação Socioterapêutica de Almeida.

A Antroposofia é um caminho que comporta em si uma forma de pensar e agir sob o ponto de vista terapêutico e socioeducativo, com uma visão integral do ser humano, nas suas vertentes física, afetiva, cognitiva e espiritual, ajudando a educar e integrar pessoas com deficiência na sociedade.

As suas estratégias pedagógicas assentam no princípio de que todo o ser humano, para se sentir como tal, carece de um trabalho, uma família e um grupo social. As comunidades/instituições antroposóficas oferecem aos seus companheiros estas premissas, através de oficinas de trabalho ocupacional, terapias artísticas, ritmos culturais e ambiências familiares calorosas.

Tudo isto foi acentuado e clarificado ao longo destes quatro anos. A primeira etapa de um caminho que se abre à minha frente.

Gratidão à Federação Hispano-Portuguesa de Pedagogia Curativa



e Socioterapia pelo impulso essencial; à Casa Santa Isabel pelo carinho com que nos recebeu e disponibilizou as ótimas condições de trabalho e estudo; ao grupo de colegas de curso pelo calor humano e partilha de experiências pessoais; aos professores pela passagem dos seus saberes, que agora poderei vivenciar com o meu grupo de

amigos, colegas de trabalho, a minha família, o meu filho...

Finalizo com um agradecimento especial aos companheiros da ASTA, pessoas especiais, que me levaram ao encontro desta formação, um dos melhores presentes que recebi na minha vida.

Jorge Pires



Este longo percurso de quatro anos foi duplamente enriquecedor.

Para além de adquirir novas ferramentas terapêuticas para melhor lidar e servir os nossos companheiros, fui obrigado a fazer um percurso interior, por vezes doloroso, mas essencialmente enriquecedor.

O ambiente de Santa Isabel ajudou um grupo de trabalho competente e agradável. Os colegas, das mais diversas proveniências e com competências distintas, motivados e unidos. Foi um prazer.

A ASTA está mais rica, com cinco novos socioterapeutas.

Recomendo sinceramente aos meus restantes colegas, claro, e a qualquer um que em consciência almeje uma humanidade melhor.

Pedro Pimentel

ENCONTRO DE COLABORADORES

associação tobias - madrid

No âmbito da Federação Hispano-Portuguesa de Pedagogia Curativa e Socioterapia Antroposófica, a Associação Tobias, de Madrid, organizou o III Encontro de Colaboradores com o tema “A Arte do Encontro”, e a ASTA esteve presente!

Fica uma reflexão breve do que falámos, vivenciámos e vislumbrámos. Jaime Padró* foi uma bússola na orientação deste encontro.

Para haver encontro com o outro precisamos entender o que diz, os seus pensamentos, os sentimentos e as vontades da outra pessoa, por meio de um pensamento flexível e reflexivo. Como se saíssemos do nosso corpo e fôssemos até um ponto de encontro intermédio entre ambos, mas mantendo a consciência da nossa individualidade e sem nos deixarmos a nós próprios. Este tipo de encontro só é possível através da observação. Deve

suceder primeiramente através dos sentidos e apenas acontece quando estamos plenamente conscientes da nossa vontade. Há encontro quando desenvolvemos o órgão da percepção do outro, quando não há egocentrismo da nossa parte nem julgamentos prévios.

Para podermos amar os outros, precisamos primeiro ter tempo para nos amarmos e dedicarmos a nós. Somos fraternos quando amamos de verdade o que o outro realmente precisa. O que



pensamos habitualmente de alguém predomina no que dizemos dela, pelo que os nossos julgamentos facilmente são identificáveis através do que falamos.

No trabalho diário que realizamos com os companheiros, facilmente extraímos as suas qualidades, contudo devemos ter a mesma capacidade de entrega e assombro pelos nossos colegas de trabalho, que tendencialmente não valorizamos tanto.

“Falar da rosa sem nomear os espinhos”

Jorge Pires
(em nome do grupo da ASTA)



***Jaime Padró** nasceu em Barcelona em 1946. Licenciou-se em Direito mas cedo começou a renunciar aos cargos relacionados com a sua área. Dentre outras e variadas formações, destaca-se o aprofundamento de estudos ligados à Antroposofia. Optou por uma vida de docência, ministrando cursos, seminários, conferências e formações, no campo antroposófico e humanista, por toda a Europa. Em 1979 é nomeado como presidente da Sociedade Antroposófica em Espanha; em 1998 cria a Fundação “Círculo de Arte Social” à qual preside. Continua a sua atividade como conferencista, orientador de grupos de trabalho e seminários.

ENCONTRO HISPANO-PORTUGUÊS DE COMPANHEIROS

É com muito prazer e expectativa que a ASTA vem preparando, pela primeira vez, o Encontro Hispano-Português de Companheiros*. Este terceiro encontro está enquadrado no Programa de Ação preconizado pela *Federação Hispano-Portuguesa de Pedagogia Curativa e Socioterapia*. Durante quatro dias, de 11 a 14 de junho de 2018, esperamos na ASTA e no concelho de Almeida cerca de 250 participantes para, em diversos espaços e dinâmicas, trabalharmos o tema “OS 4 ELEMENTOS” (Terra, Água, Ar e Fogo). Dentre os parceiros expectáveis para este evento, destacamos o *INR – Instituto Nacional para a Reabilitação* e o *Município de Almeida*. Desejamos que este Encontro dê voz e aponte caminhos para “Olhares, Outros”.

*“Utentes” com necessidades educativas especiais

OS 4 ELEMENTOS

IIIº ENCONTRO
HISPANO-PORTUGUÊS DE
COMPANHEIROS

DIAS
11, 12, 13 E 14 DE JUNHO

NA ASTA
ASSOCIAÇÃO SÓCIO-TERAPÊUTICA
DE ALMEIDA
PORTUGAL



AGENDA 2018

JANEIRO	MAIO	OUTUBRO
<p>6 – Comemoração dos Reis Dramatização alegórica na ASTA e canto das janeiras nas aldeias circundantes.</p>	<p>* – “Semana dos Pais” Encontro e partilha de experiências com os seus filhos na ASTA.</p>	<p>1 – Celebração do Dia de São Miguel; 2 – 18º Aniversário da ASTA e Festa das Colheitas.</p>
FEVEREIRO	JUNHO	NOVEMBRO
<p>9 – Comemoração do Carnaval * - Participação: - Feira do Fumeiro, em Almeida; - Feira das Tradições, em Pinhel.</p>	<p>1-30 – “Arte Metamorfose” Exposição patente ao público no Posto de Turismo de Almeida; 3 - 17.ª Marcha “De Mãos Dadas Chegaremos” Dedicada às crianças de todo o Mundo (percurso a definir); 11-14 - IIIº Encontro Hispano-Português de Companheiros na ASTA; Participação das instituições congéneres associadas à Federação Hispano Portuguesa de Pedagogia Curativa e Socioterapia e da ACTIVA - Associação Distrital de Desporto, Lazer e Cultura da Guarda (Com o apoio do INR - Instituto Nacional de Reabilitação); * – “Campo de Férias” (Com o apoio do INR - Instituto Nacional para a Reabilitação).</p>	<p>12 - Dia de São Martinho Cortejo de lanternas ao anoitecer e representação da lenda na praça da Cabreira.</p>
MARÇO		DEZEMBRO
<p>21 - Comemoração do Dia da Árvore, da Poesia e Equinócio da Primavera.</p>		<p>3 – “Roda da Luz” Abertura do advento na ASTA, com a comunidade e parceiros; 10 a 21 – “Auto dos Pastores”, Várias representações na ASTA e noutros locais da nossa Rede Social.</p>
ABRIL		
<p>*- “Um dia na ASTA” Com as crianças do concelho de Almeida, em parceria com o Município; * - Participação na Feira Medieval, de Castelo Mendo.</p>		

* data a definir

OUTROS EVENTOS CIRCUNSTANCIAIS E NÃO PREVISÍVEIS A LONGO PRAZO PODERÃO ACONTECER. SERÃO DIVULGADOS PELOS MEIOS: FACEBOOK, SITE E E-MAIL.

A revista

EU AMAI AÍ

foi produzida com o
apoio de:

fvp
fundação vox populi

SEJA NOSSO AMIGO!

Lembre-se de nós quando fizer a sua declaração anual de rendimentos escolhendo a ASTA como beneficiária dos 0,5% do seu IRS. Um gesto fácil que poderá fazer a diferença na nossa caminhada!

NIBs para donativos:

CGD - 0035 0057 0000 9387 9301 3

MONTEPIO - 0036 0053 9910 0171 3389 6

BPI - 0010 0000 4814 8740 0013 9

ASTA

Associação Sócio Terapêutica de Almeida

Alto da Fonte Salgueira, 6355-030 Cabreira

Tlf: 271 581 562 / Fax: 271 581 756 / Tlm: 962 148 143

NIPC: 504 260 936

Email: info@assterapeutica.com

Site: www.assterapeutica.com

Facebook: www.facebook.com/ASTAlmeida